



## Integração conceptual e verbos de movimento: uma descrição da polissemia de "run" para o ensino de inglês como língua estrangeira

Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues<sup>1</sup>  
IFSP/UNESP

**Resumo:** Em todas as línguas, os verbos de movimento são utilizados polissemicamente para expressar situações diversas de seus sentidos originais. O objetivo deste trabalho é investigar a polissemia desses verbos em inglês, a partir da integração conceptual e dos esquemas de imagem, à luz da Linguística Cognitiva. Conhecer alguns de seus principais usos é importante para se aprender inglês com eficiência, uma vez que seus vários sentidos são normalmente ensinados assistematicamente. Ao ler em inglês, o aluno mobiliza modelos cognitivos do Português quando deveria acionar conhecimentos do Inglês. Para a análise, selecionamos verbos caracterizados como de percurso (PATH). Como exemplo, verificamos várias ocorrências de run no dicionário. O primeiro frame acionado é o de movimento: I had to run to catch the bus; She ran her eye around the room; A fence runs around the field; Can I run you to the station?. O leitor certifica-se de que seu sentido está integrado ao frame de veículo. Contudo, ao acessar demais acepções, torna-se perceptível sua integração a outros frames, de outros domínios discursivos: informática, negócios, política, jornalismo. É em virtude desses usos metafóricos, explicados pelo princípio da integração conceptual, que temos os enunciados: The software will run on any PC; He is the man who runs that company; Jackson announced his intention to run for president; The local newspaper is running an article about global warming. A partir de uma proposta de aplicação didática dos resultados da análise, pretende-se fornecer subsídios metacognitivos para aprimorar o ensino da competência da leitura em inglês.

**Palavras-chave:** metacognição, polissemia, verbos de movimento.

**Abstract:** In every language, verbs of motion are used to express polysemous meanings differently from their original meanings. The objective of this study is to investigate the polysemy of English verbs of motion, from the conceptual integration and image schema Cognitive Linguistics theories. Getting to know their most important uses can mean to learn English effectively, since their various senses are not usually taught systematically. When reading in English, the student mobilizes cognitive models of Portuguese when it should trigger the knowledge of English. For the analysis, we selected verbs of PATH. As an example, we found several occurrences of "run" in the dictionary. The first frame triggers motion: I had to run to catch the bus; She ran her eye around the room; The fence runs around the field; Can I run you to the station?. The reader understands that its meaning is integrated into the "vehicle frame". However, by accessing its other meanings, it becomes apparent its integration with other frames, in other discursive domains: computer, business, politics, journalism. These metaphorical uses, explained by conceptual integration, make such statements available: The software will run on any PC; He is the man who runs that company; Jackson announced his intention to run for president; The local newspaper is running an article about global warming. Taking into account the pedagogical proposal for the application of the

<sup>1</sup> rosanaFerrareto@yahoo.com.br



*analysis' results, we intend to provide a basis for teaching English, by using these theories as metacognitive resources, in order to develop the students' skill of reading.*

**Keywords:** metacognition, polysemy, verbs of motion.

## 1. Introdução

Em todas as línguas do mundo, os verbos de movimento são utilizados polissemicamente para expressar situações diversas de seus sentidos originais.

Ao consultarmos um dicionário inglês/português, por exemplo, verificamos as várias ocorrências do verbo *run*: o primeiro sentido acionado é o de movimento – a partir de algumas de suas significações, como correr (em *I had to run to catch the bus*); passar (em *She ran her eye around the room*); estender-se (em *A fence runs around the field*); e levar (em *Can I run you to the station?*), o leitor entende que seu sentido está integrado ao *frame* de veículo. Contudo, ao acessar suas demais acepções, torna-se perceptível sua integração a outros *frames*, de outros domínios discursivos, tais como o da informática, a partir da noção de máquina; o dos negócios, por meio do contexto situacional da administração; o da política, aliado à ideia de competição; e o do jornalismo, como veículo de informações. É em virtude desses usos metafóricos, explicados pelo princípio da integração conceptual, que temos enunciados tais como *The software will run on any PC* (O programa funciona/“roda” em qualquer computador); *He is the man who runs that company* (Ele é o homem que gerencia aquela empresa); *Jackson announced his intention to run for president* (Jack anunciou sua intenção em concorrer ao cargo de presidente); e *The local newspaper is running an article about the threats of global warming* (O jornal local está publicando um artigo sobre as ameaças do aquecimento global).

Considerando que o domínio desses sentidos normalmente é ensinado/aprendido assisticamente, pretendemos descrever o papel dos esquemas de imagem e da integração conceptual na polissemia dos verbos de movimento em inglês. Essa descrição, aplicada ao ensino da leitura, deve auxiliar o aprendiz de inglês como LE (LE) a desenvolver essa habilidade. Para tanto, pretendemos, em trabalhos futuros, propor a aplicação didática dos resultados dos dados da análise aqui apresentada.

A escolha desse modelo teórico foi motivada pelas seguintes hipóteses: (1) Os falantes de todas as línguas parecem preferir empregar uma construção metafórica com verbos de



movimento a utilizar uma construção literal. (2) A linguística cognitiva tem muito a oferecer ao ensino de inglês como LE porque fornece uma aprendizagem significativa, promovendo uma percepção dos princípios conceituais que dão suporte ao trabalho com o vocabulário a partir de uma abordagem semântica. (3) O conhecimento dos esquemas de imagem e dos processos de integração conceptual facilita o entendimento do uso polissêmico dos verbos de movimento e, conseqüentemente, contribui para o aprendizado das diferentes acepções desses verbos.

Desse modo, os principais objetivos do tratamento linguístico dos dados desta pesquisa são: (1) Apresentar uma descrição dos principais sentidos dos verbos de movimento em inglês, a partir das teorias da integração conceptual e dos esquemas de imagem, vinculadas ao modelo da linguística cognitiva. (2) Entender como e porque os falantes das línguas naturais utilizam, metaforicamente, verbos de movimento ou expressões idiomáticas construídas com esses verbos, no lugar de verbos de sentido conceptual. (3) Fornecer subsídios para o trabalho com a Língua Inglesa em sala de aula, utilizando essa abordagem como importante recurso metacognitivo para ampliar, por exemplo, a competência de leitura do aprendiz de inglês como LE.

Esta pesquisa faz parte do projeto de doutorado da autora no Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP Araraquara, e também tem sido aplicada em orientações de Iniciação Científica PIBIC-EM, subsidiada pelo CNPq, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo (IFSP), *campus* de São João da Boa Vista. Nessa aplicação, está sendo construído um produto tecnológico, a partir do tratamento computacional dos dados linguísticos – um glossário virtual a ser disponibilizado no *site* da instituição para uso de alunos e professores nas atividades em sala de aula e extra classe. Essa iniciativa está baseada na proposta de apresentação de uma nova abordagem de ensino do vocabulário do inglês como LE para fins do desenvolvimento da competência da leitura. Sabemos que o ensino/aprendizagem de inglês nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio dos Institutos Federais focaliza, principalmente, o desenvolvimento da habilidade da leitura, uma vez que o objetivo principal dessa disciplina nos planos de curso é preparar o aluno para o mercado profissional e para o ingresso na universidade. Devido à demanda atual desses dois segmentos, estamos convencidos de que este projeto de iniciação científica irá contribuir para o aprimoramento da leitura em LE por parte do aprendiz brasileiro.



Muitas vezes, a dificuldade de compreensão do que se lê em inglês ocorre por causa da significativa recorrência dos verbos de movimento em projeções metafóricas nos vários tipos de textos. Isso acontece porque, ao ler em inglês, o falante nativo de português acaba acionando os mesmos modelos cognitivos e/ou representações mentais que aciona para entender português. Essa mobilização/processo não funciona porque cada língua está ligada à uma cultura, história e usos diferentes.

Ao ler, é bastante comum que aprendizes de inglês como LE façam projeções equivocadas do uso de sua língua de origem, o português, para a língua-alvo, o inglês. Para entender o diferente funcionamento dos usos metafóricos de cada língua, pressupomos ser preciso estudar integração conceptual (cf. Fauconnier e Turner, 2002 e Bache, 2005) e esquemas de imagem ligados aos verbos (cf. Hampe, 2005, Peña, 2008). A partir dessa proposta teórica, o professor, assim, consegue assegurar a seus alunos a oportunidade de aprender a pensar por meio da “concretização” do pensamento abstrato em favor do desenvolvimento da competência da leitura.

Acreditamos que um estudo bibliográfico dos autores fundadores dessas teorias sustenta essa proposta e amplia as possibilidades para o professor adotar uma abordagem cognitiva no ensino da leitura em inglês e realizar a tarefa de ensinar os alunos a pensar.

## 2. Metacognição

Sabemos que vem sendo enfatizada pelos educadores a importância das estratégias metacognitivas para otimizar a aprendizagem. Segundo Winn e Snyder (1996), “metacognição é a capacidade de o aprendiz criar estratégias próprias para aprender o que lhe é ensinado, o que envolve reflexão, auto-responsabilidade e iniciativa”.

Desde os estudos de Flavell (1979), as estratégias metacognitivas têm desempenhado papel crítico na aprendizagem bem sucedida. Definida como conscientização do processo de aprendizagem, inclui habilidades artificiais como esboços, *mnemonics*, diagramação, mas a maior vantagem dessas estratégias é que elas se realizam quando estão baseadas em habilidades cognitivas naturais, o que ocorre quando se usa os esquemas de imagem e a integração conceptual para aprender empregos polissêmicos de verbos de movimento, por exemplo. Essa conscientização geralmente fornece pistas/dicas sobre o significado original da



palavra, expressão ou enunciado, escondidos no sistema linguístico, do qual os alunos podem derivar novos usos metafóricos.

Um tema comum abordado pelos estudiosos da metacognição é a noção de agenciamento:

Alunos bem sucedidos se encarregam de sua própria aprendizagem. No mínimo, assumir o comando requer que os alunos tenham consciência da sua aprendizagem, para avaliar suas necessidades de aprendizagem, para gerar estratégias que satisfaçam as suas necessidades, e para implementar essas estratégias. Autoconhecimento, autodeterminação e autossuficiência são as características que Kluwe (1982) usou quando descreveu as pessoas como "agentes de seu próprio pensamento" (p. 222). Como agentes de nosso próprio pensamento, construímos a nossa compreensão de nós mesmos e do mundo, controlamos nossos pensamentos e comportamentos, e monitoramos as consequências delas (HACKER, DUNLOSKY, GRAESSER, p. 1).

Infelizmente, a escola tem uma larga tradição de passar conteúdos, achando que os alunos já possuem, por si próprios, a capacidade de trabalhar com eles. Como diz Davis et alia (2005, p. 209),

O problema da escola é que se tende a supor, nela, que os alunos já são capazes de operar cognitivamente e, notadamente, de realizar raciocínios dedutivos e indutivos. Com isso, os professores se sentem liberados da tarefa de ensinar a pensar, preocupando-se quase que exclusivamente, em veicular e ensinar informações e valores.

Segundo os mesmos autores (op. cit., p. 227),

é hoje amplamente reconhecido (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico — OCDE, 2001) que, a despeito do empenho de inúmeros alunos em aprender não ser bem-sucedido, esse fracasso não pode ser atribuído a problemas cognitivos e, sim, a dificuldades metacognitivas. Aqueles que não se saem bem na escola dispõem, como bem sabemos, de diversos conhecimentos e competências. A raiz do problema parece residir, portanto, menos na falta de saberes e habilidades do que no fato de não conseguirem nem utilizá-los nem transferi-los para outras situações.

Segundo Ribeiro (2003, p. 109),

a verificação de diferenças significativas no desempenho escolar observadas, não apenas em função da utilização de estratégias cognitivas, mas também de estratégias metacognitivas, levou alguns autores a concluir que os bons alunos são mais aptos tanto na utilização de estratégias para adquirir, organizar e utilizar o seu conhecimento, como na regulação do seu processo cognitivo.





A competência metacognitiva é também comumente associada à motivação, pois sabemos que um aluno que sabe como aprender é sempre mais motivado a pôr empenho em seus estudos do que aquele que repete várias vezes a leitura de uma mesma página para entender um mínimo. Como diz Ribeiro (op. cit. p. 110),

A metacognição pode ainda exercer influência sobre a motivação (Jones, 1988), pois o fato dos alunos poderem controlar e gerir os próprios processos cognitivos lhes dá a noção da responsabilidade pelo seu desempenho escolar e gera confiança nas suas próprias capacidades (Morais & Valente, 1991).

Sendo assim, faz-se necessário repensar os processos metacognitivos tradicionais, como o de ensinar os alunos a decorar todas as possíveis traduções dos verbos, para que não tenham apenas uma estratégia metacognitiva superficial, mas sejam capazes de aprofundar outras mais motivadas.

Com o advento da moderna linguística cognitiva, surge a oportunidade de oferecer aos professores de língua estratégias metacognitivas que, em vez de serem artificiais, têm a vantagem de serem fruto de atividades cognitivas naturais dos falantes nativos da língua estudada.

Resumindo, as justificativas para que se realize esta pesquisa, do ponto de vista pedagógico, é o de que a abordagem teórica adotada serve como recurso metacognitivo, o que confere ao leitor de inglês como LE maior autonomia para desenvolver o conhecimento do vocabulário dessa língua e a competência da leitura.

### 3. Linguística Cognitiva

Esta pesquisa assume os princípios da Linguística Cognitiva, uma abordagem baseada na ideia de que a língua reflete padrões do pensamento. Estudar uma língua a partir dessa perspectiva é estudar padrões de conceptualização. Esse pressuposto é o que mais diferencia a abordagem cognitivista das demais abordagens de estudo de línguas.

Os estudiosos da Linguística Cognitiva entendem que o ser humano, como animal simbólico e interativo, tem como capacidade a cognição – a habilidade de processar informações adaptando-se às mais variadas situações possíveis, em um curto espaço de tempo.

Segundo Abreu (2010, p. 9-10), em consequência dessa visão,



o princípio básico da linguística cognitiva, institucionalizada principalmente a partir dos anos 1990, é o de que a linguagem não é uma faculdade autônoma em relação às outras faculdades humanas como a visão, a audição, a memória, a capacidade de pensar e de se emocionar. Por sua capacidade simbólica, a linguagem representa um dos mais importantes fatores que diferenciam o homem dos outros animais.

Outro princípio básico da linguística cognitiva é que a gramática de uma língua é resultado de conceptualizações e tem origem no uso da linguagem, ou seja, envolve a maneira como vemos e recortamos o mundo (dando nomes aos seres), como criamos categorias (a partir de generalizações) e como estabelecemos semelhanças ou analogias entre as coisas (criando metáforas, por exemplo).

Com relação ao significado, a linguística cognitiva postula, contrariamente ao senso comum, que o significado não está contido nas palavras. A construção do significado é um processo dinâmico. A língua é um sistema de expressão do significado e realiza as funções simbólica e interativa. Para os cognitivistas, o léxico de uma língua representa não um referente no mundo, mas a ideia desse referente. O significado associado ao símbolo linguístico está ligado a uma representação mental particular denominada conceito. Os conceitos, por sua vez, derivam da percepção humana que, por sua vez, derivam do mundo. As informações perceptuais são integradas em imagens mentais que constroem significados codificados por símbolos linguísticos que se referem à realidade projetada do falante. Desse modo, uma maneira de pensar a língua é como “um sistema de estímulos para integrações” (FAUCONNIER E TURNER, 2003, p. 90). É devido a esse princípio que sob a ótica da integração conceptual, a língua é um sistema de representação em que a projeção do ponto de vista do usuário ocorre para a construção do significado. Do ponto de vista da percepção, um dos fenômenos defendidos pelos estudiosos da linguística cognitiva é o da corporificação da linguagem, ou seja, o significado é corporificado.

Segundo Fauconnier e Turner (2003, p. 79), tem sido útil pensar, ao abordar tais aspectos,

em esquecer noções tais como “significado da expressão”, “representação semântica”, “função de verdade” e coisas parecidas, e pensar, ao invés disso, em “significado potencial de uma forma linguística”. Significado potencial é essencialmente o número ilimitado de maneiras pelas quais uma expressão pode incitar processos cognitivos dinâmicos, que incluem conexões conceptuais, mapeamentos, mesclagens e simulações.



Tais processos são inerentemente criativos e explicam fatos linguísticos em termos de propriedade e mecanismos da mente humana, o que faz da língua uma capacidade humana única.

#### 4. Integração Conceptual, Esquemas de Imagem e Linguagem Corporificada

Esta pesquisa sobre o emprego metafórico de verbos de movimento em inglês apóia-se, principalmente, nos estudos de Fauconnier & Turner (2002), que abordam o princípio da integração conceptual por meio da criação de conceitos (denominado princípio de identidade), da projeção entre domínios de origem e domínios-alvo (denominada metáfora), da projeção da parte em um todo (chamada metonímia) e da compressão do tempo ou do espaço; e também nos de Lakoff & Johnson (1999) e Peña (2008), que propõem a teoria dos esquemas de imagem, a partir da ideia da linguagem corporificada.

A integração conceptual está no coração da imaginação e tem sido aplicada em disciplinas diversas: nos estudos do oculto, na linguística, na psicologia cognitiva e social, na antropologia, na informática e na genética (cf. EVANS & GREEN, 2006, p. 401). Por exemplo, os princípios da integração conceptual podem ser entendidos como mecanismos que facilitam o desenvolvimento de comportamentos humanos avançados baseados em habilidades simbólicas complexas, tais como os rituais, as artes, a fabricação de ferramentas e seu uso. No campo das emoções, integramos sentimentos, pessoas e situações a momentos e circunstâncias que vivemos ao longo do tempo, passado ou futuro.

O ato de integrar é entendido como uma ação de incorporação de um elemento em um conjunto. Esse processo é uma característica muito importante da mente humana. Desde tempos remotos, os seres humanos integram eventos, conceitos e emoções por meio de uma operação mental denominada *blending* (em português, mesclagem). Ao realizar essa operação, mesclamos situações de tempos diferentes, emoções de domínios diversos e conceitos de universos distintos. A partir dos princípios de identidade, de compressão, de metáfora e de metonímia, a integração conceptual ou *blending* é uma operação cognitiva básica e geral que é central na maneira em que pensamos (cf. FAUCCONNIER & TURNER, 2002). Essa operação mental básica, que funciona a partir dos espaços mentais, é explicada por seus fundadores, Fauconnier & Turner (2002), como uma teoria cujo *insight* crucial é o fato de a construção do significado envolver tipicamente a integração de estruturas que infligem mais que a soma de





suas partes. Para a semântica cognitiva, a construção do significado é um processo fundamentalmente conceptual por natureza. Dessa perspectiva, os enunciados funcionam como ‘instruções parciais’ para a construção de domínios conceptuais complexos, mas temporários, construídos como resultados de um discurso contínuo. Esses domínios é que são os chamados ‘espaços mentais’.

Desse modo, a integração conceptual é um processo cognitivo humano que propicia mais que a incorporação de um elemento em um conjunto, mas que “produz estruturas emergentes por meio de composição, finalização e refinamento na mesclagem” (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 89). Essa dinâmica ocorre em nossas mentes devido às projeções que fazemos, graças à nossa imaginação.

Fauconnier e Turner, na obra *The Way We Think* (2002), desenvolveram essa teoria do *blending* ou mesclagem, destacando que ela se trata de uma teoria geral da cognição, que procura descrever a capacidade humana de imaginar identidades entre conceitos e integrá-los de maneira que formem novos modelos de pensamento e ação. Por meio da integração conceptual o homem realiza um conjunto de operações para combinar modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais. De acordo com Turner (2007, p. 377),

A integração conceptual está em conformidade com um conjunto de princípios constitutivos: (i) Um mapeamento parcial *cross-space* conecta algumas contrapartes nos espaços mentais de *input* - (*input* 1) e (*input* 2); (ii) Há um espaço mental genérico, que mapeia cada um dos *inputs* e que contém o que ambos os *inputs* têm em comum; (iii) Há um quarto espaço mental, o espaço de mesclagem (*blending*), geralmente chamado de “the blend”; (iv) Há uma projeção seletiva dos *inputs* para o *blend*. É importante enfatizar que nem todos os elementos e relações dos *inputs* são projetados para o *blend*.

Podemos citar, como exemplo de aplicação da integração conceptual, parte da análise de um dos dados do nosso *corpus*: o verbo de movimento “andar”. Em um enunciado como “Meu computador anda dando problema”, temos o emprego metafórico de *andar* como verbo auxiliar. Quando empregado no seu sentido conceptual como verbo principal, temos, no *input* 1 (o domínio de origem), como elementos do *frame* de “andar”: “locomção a pé” e “duração breve”. No *input* 2 (o domínio alvo), o enunciado de sentido metafórico, verificamos a integração do conceito “duração breve”, mas o conceito “locomção a pé” não é selecionado do espaço genérico para o espaço *blend*. Ele é desabilitado ou desintegrado (cf. Bache, 2005). Essa desintegração conceptual fica mais evidente quando comparamos esse enunciado com o



verbo “andar” com outro bem parecido com o verbo “viver”: “Meu computador vive dando problema”. O verbo “viver”, também empregado metaforicamente na posição de verbo auxiliar, traz no seu *frame* os conceitos “atividade vital” e “duração longa”. Nesse caso, há desintegração conceptual do elemento “atividade vital” no emprego metafórico.

A partir desses exemplos, podemos afirmar que “uma das bases fundadoras dessa capacidade de conceptualização são os esquemas mentais, em que a estrutura especial é mapeado em termos de estrutura conceptual” (EVANS & GREEN, 2006, p. 47). Nos exemplos que acabamos de oferecer, o esquema de imagem empregado nos enunciados com “andar” é o PATH (percurso) que indica movimento à frente, com foco na duração, no caso do emprego metafórico.

“Os esquemas de imagem tem fornecido material conceptual para a construção de muitas expressões linguísticas” e, além disso, constituem “relações naturais que motivam a polissemia” (PEÑA, 2008, p. 1041, 1042). Esses esquemas são padrões estruturais recorrentes em nossa experiência sensório-motora que, quase sempre, servem para estruturar conceitos complexos. Sua origem está ligada à nossa estrutura física. Utilizando nosso próprio corpo como ponto de observação, criamos conceitos como direita, esquerda, frente, atrás, acima, abaixo. Como somos seres dotados de movimento, criamos conceitos como origem, caminho, destino, obstáculos. Como somos confrontados com forças que nos puxam ou empurram (vento, animais, outros seres humanos), criamos um conceito chamado de FORÇA DINÂMICA. Os principais esquemas de imagem são: PERCURSO (com início, meio e fim, dirigido à frente, ao alto ou para baixo); CONTAINER (com suas partes: fora, dentro e limites); LIGAÇÃO (entre partes, entre unidades etc.); FORÇA DINÂMICA (resultado do contato dinâmico entre partes); EQUILÍBRIO (de força, de massa, de luz etc.); PARTE-TODO (tanto no sentido parte-todo quando no sentido todo-parte) (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1999). Para fins de mais um exemplo, citamos novamente o verbo “andar”. Em português, é possível empregá-lo com o sentido de “ter relações carnavais” em “Soube-se que ele andava com a empregada”. O esquema de imagem é o de percurso (SOURCE-PATH-GOAL ou INÍCIO-MEIO-FIM) com foco no aspecto durativo do percurso, vinculado ao *frame* de estar acompanhado, relacionar-se com outra pessoa. O traço de “movimentar-se dando passos” é desintegrado durante o processo de *blend* (mesclagem). Em inglês, não verificamos esse emprego de *walk* e, portanto, o enunciado equivalente seria “He’s having an affair with the maid” (tendo um caso com).

Segundo Johnson (1987), nossa experiência corporificada se manifesta no nível



cognitivo em termos de esquemas de imagem. Desse modo, pode-se perceber que a estrutura conceptual está intimamente relacionada com a nossa experiência corporificada, ou seja, os conceitos aos quais nós temos acesso são “funções” de nossa corporificação: nós só podemos falar sobre o que conseguimos perceber e conceber, e as coisas que nós conseguimos perceber e conceber derivam de nossa experiência corporificada, seja pela experiência sensório-motora, (espaço, temperatura, etc.) seja pela experiência introspectiva (tempo, emoções, etc.). Por exemplo, embora os vários sentidos dos verbos de movimento, para alguns semanticistas estruturalistas ou gerativistas, sejam considerados homonímia entre itens léxicos com redes semânticas diferentes, para os semanticistas cognitivistas essa profusão de sentidos a partir de um único item léxico pode ser explicada pelo processo de integração conceptual. O nosso sistema perceptual, portanto, pode motivar os modelos conceituais encontrados nas expressões de nossa língua.

## 5. Metáfora

Lakoff & Johson (1980) mudaram a visão tradicional de que a metáfora seria apenas uma figura retórica. Eles observaram que a linguagem metafórica parece estar relacionada a um sistema metafórico subjacente, um “sistema de pensamento”. O que a torna conceptual ao invés de puramente linguística é a ideia de que a motivação para a metáfora está no nível dos domínios conceptuais. Dessa forma, alguns empregos de verbos de movimento polissêmicos são metafóricos em sua natureza porque são simplesmente reflexos de uma associação conceptual subjacente. As metáforas conceituais têm base experiencial, ou seja, são fundadas na natureza de nossa interação diária com o mundo. Os mapeamentos metafóricos são unidirecionais e há um padrão em termos de quais domínios funcionam como origem (source) e quais funcionam como alvo (target).

Baseado em ampla pesquisa, Kövecses (2002) descobriu que os domínios de origem mais comuns para mapeamentos metafóricos são os domínios relacionados ao CORPO HUMANO, ANIMAIS, PLANTAS, COMIDA e FORÇAS. Os mais comuns entre os domínios-alvo estão as categorias EMOÇÃO, MORTALIDADE, PENSAMENTO, RELACIONAMENTOS HUMANOS e TEMA. De acordo com o autor, “domínios-alvo são abstratos, difusos e carecem de um delineamento claro; como resultado eles ‘clamam’ por conceptualização metafórica” (KÖVECSES, 2002, p. 20). Os domínios de origem, por outro lado, são mais concretos e,



portanto, mais tangíveis, palpáveis. Com base nessa conclusão, esquemas de imagem podem ser associados aos domínios de origem, uma vez que eles derivam de nossa experiência corporal, o que a torna altamente significativa. A consequência marcante que emerge dessa teoria é que o pensamento abstrato e o raciocínio, facilitados pela metáfora, são considerados como tendo base esquemática e consequentemente corporificada.

A partir desse postulado cognitivista, que vê a metáfora como projeção de conceitos entre um domínio de origem e um domínio alvo, o ponto de partida teórico desse trabalho considera que os empregos metafóricos dos verbos de movimento polissêmicos são recursos cognitivos utilizados pela espécie humana como categorias de conhecimento. Em enunciados como, por exemplo, “How to make your computer run faster?”, em um manual de informática, o domínio de origem é o homem (aquele que corre, como um dos elementos do *frame* de “run”) e o domínio-alvo é a máquina (*computer*). Verificamos aí a personificação da linguagem, ao entendermos a máquina como ator da ação de “funcionar/rodar”. Estão então presentes nesse processo de integração conceptual as projeções denominadas por Turner (1996, p. 39) como EVENTS ARE ACTIONS (eventos são ações) e ACTORS ARE MOVERS (atores são coisas que se movem).

É por isso que uma visão mais geral dos processos de projeção (entre eles, a metáfora) e mesclagem (*blending*) culmina, como vimos, na noção de integração conceptual, que consiste em um conjunto de operações para combinar modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais.

## 6. Polissemia

Tendo em vista a importância de se entender que “a polissemia parece ser norma em vez de exceção na língua”, como consideram Evans & Green (2006), pretendeu-se estudar três verbos de movimento polissêmicos: *go*, *run* e *walk* a partir do referencial teórico dos esquemas de imagem e da metáfora, vista modernamente como ancorada na experiência corporal. Os dados apresentados descrevem algumas projeções metafóricas que acontecem devido ao mecanismo da integração conceptual. De acordo com esse ponto de vista, “a polissemia aparece porque as palavras estão ligadas à uma rede de conceitos lexicais em vez de estarem ligadas a um conceito individual” (EVANS & GREEN, 2006, p. 169).

Para Fauconnier e Turner (2003, p. 80),



a polissemia é difusiva na língua e aparece de muitas formas. Não é apenas um acidente da história ou da sincronia, mas uma manifestação essencial da flexibilidade, adaptabilidade, e riqueza no significado potencial que jaz no coração da linguagem e do seu uso. É também um sintoma da maneira pela qual várias operações cognitivas permitem a criatividade em muitos níveis.

“Os linguistas cognitivistas argumentam que a polissemia não se restringe ao significado das palavras, mas é uma característica fundamental da linguagem humana” (EVANS & GREEN, 2006, p. 36).

Além disso, uma questão que tem intrigado os linguistas cognitivistas diz respeito a:

como a polissemia é motivada, isto é, como um único item lexical vem a ter uma multiplicidade de significados distintos, ainda que relacionados, ligados a ele. Lakoff (1987) argumenta que um importante fator motivador das extensões de significado e, portanto, da existência da polissemia, é a metáfora (EVANS & GREEN, 2006, p. 39).

No que diz respeito ao modelo teórico adotado nesta pesquisa, Fauconnier e Turner (2003, p. 84) afirmam que a polissemia é um resultado rotineiro e inevitável da integração conceptual: “blending provides a continuum for polysemy effects” (a mesclagem fornece um contínuo para efeitos polissêmicos). Os autores explicam que “a notabilidade da polissemia é a função da disponibilidade de certos *frames* por meio de padrões, contextos ou cultura” (FAUCCONNIER & TURNER, 2003, p. 84).

Um dos princípios que guiam o desenvolvimento da polissemia é “a projeção de seleção: as expressões aplicadas a um *input* podem ser projetadas e aplicadas na contraparte do *blend*. Desse modo, os *blends* aproveitam palavras existentes para expressar novos significados que dele se originam” (FAUCCONNIER & TURNER, 2003, p. 83). Por exemplo, no enunciado do domínio discursivo da informática, “Software business is said to be run by this ‘returns law’” (TYRVÄINE, P.; JANSEN, S.; CUSUMANO, M. A., 2010, p. 78), traduzido como “Dizem que esse negócio de *software* é dirigido por essa ‘lei de retorno’”, o emprego de “run” com sentido de “administrar” surge do *blend* resultante da integração entre *run* (*input* 1) e *manage* (*input* 2) em inglês e *dirigir* (*input* 1) e *administrar* (*input* 2) em português. “Run” e “dirigir” são verbos de movimento aplicados também à contraparte do *blend* (*input* 2) devido aos esquemas de imagens ligados aos verbos (movimento à frente) e à sua integração a elementos dos *frames* desses verbos (operar um sistema por meio de uma operação bem sucedida), o que os tornam palavras aproveitadas para expressar novos significados – “manage” e “administrar”.





## 7. Verbos de movimento

Segundo Lakoff & Johnson (1999, p. 34), “nossos esquemas reais de movimento e de sinergias de movimento estão envolvidos no que os verbos de movimento significam”.

Para Tenny (1995), os verbos de movimento, nos quais o conceito de distância desempenha papel crucial nesse preenchimento de informação, são revelados de várias formas, devido às suas propriedades especiais de distância codificadas no conhecimento de mundo do falante.

De acordo com essa visão, as sentenças não podem ser analisadas isoladamente do ‘discurso em curso’. Em outras palavras, a semântica (tradicionalmente, o significado de uma sentença independente de contexto) não pode ser separada da pragmática (tradicionalmente, o significado de uma sentença dependente de contexto). Para Evans & Green (2006, p. 367), “a conceptualização emerge do uso da língua em contexto. Não há distinção entre semântica e pragmática”.

“Nosso conhecimento de movimento mais fundamental é caracterizado pelo esquema SOURCE-PATH-GOAL (origem, percurso, destino), e essa lógica está implícita em sua estrutura” (LAKOFF & JOHNSON, 1999, p. 34).

A fim de ilustrar todas as considerações teóricas tecidas a respeito dos princípios da Linguística Cognitiva e de nosso objeto de estudo – a polissemia, nosso objetivo é aplicar a teoria à descrição de dados linguísticos, neste caso, o emprego metafórico dos verbos de movimento polissêmicos em inglês caracterizados como de percurso (PATH), que indicam movimento à frente. Nessa análise, mais especificamente, trataremos de uma descrição de “run”.

## 8. Análise de verbos de movimento: uma proposta de descrição de “run”

O *corpus* desta pesquisa está sendo construído a partir da coleta de enunciados de pequenos textos de publicações de jornais e revistas de grande circulação nos países de língua inglesa, além do uso de dicionários Português/Inglês-Inglês/Português (bilíngues) e de Português e Inglês (monolíngues). Optamos por investigar os usos metafóricos na polissemia dos verbos de percurso (PATH), que indicam movimento à frente: *go* (ir), *walk* (caminhar) e *run* (correr).



Para este trabalho, coletamos, em princípio, dados em textos do domínio discursivo da informática pertencentes aos seguintes gêneros – capítulos de livros, tutoriais, artigos científicos e artigos de opinião. Nesses textos, encontramos ocorrências dos verbos *run* e *go* com as seguintes acepções, respectivamente: *criar, hospedar, rodar, administrar, executar, funcionar, utilizar, circular e avançar; e avançar, estender, deixar e ir*. Não houve ocorrência do verbo *walk*, que também pretendíamos descrever inicialmente.

Neste artigo, optamos por apresentar os dados referentes ao emprego metafórico de *run*, a partir das ocorrências em dois gêneros textuais pesquisados, o que constitui um pequeno *corpus* de nove enunciados.

#### Enunciados de capítulos de livros

- (1) *The language wasn't originally intended to run enterprise-class web sites (GILMORE, 2010, p. 38).*

Não se tinha a intenção que a linguagem criasse sites de classe empresarial. Aqui, temos o esquema de percurso com foco no movimento. Nessa frase, o autor poderia ter empregado o verbo *create*. Para expressar o sentido de “fazer algo novo ou original que não existia antes”, preferiu utilizar uma projeção metafórica por meio do verbo correr (*run*) que, conceptualmente, significa “deslocar-se no espaço velozmente”. O percurso (PATH) corresponde ao ato de criação e o existir do algo novo consiste na diferença entre a origem (SOURCE) e o fim (GOAL) do percurso. Verificamos, também, a personificação de “linguagem” como ator da ação de “criar”. Além disso, as projeções denominadas por Turner (1996, p. 39) como EVENTS ARE ACTIONS (eventos são ações) e ACTORS ARE MOVERS (atores são coisas que se movem) estão presentes nessa construção. Essas projeções consistem em projeções de estórias de ação corporificada em outras estórias de ação e de estórias de movimento corporificados em histórias de ação, respectivamente. Assim, a linguagem (ATORES SÃO COISAS QUE SE MOVEM) cria sites (EVENTOS SÃO AÇÕES).

- (2) *If you'd like to run PHP with IIS, I recommend following the instructions in the “Installing IIS and PHP on Windows” section (GILMORE, 2010, p.46).*

Se você deseja hospedar sites em PHP pelo IIS, eu recomendo que você siga as instruções na seção “Installing IIS and PHP on Windows”.



O verbo hospedar ou *to host*, conceptualmente, designa “oferecer ou receber abrigo; alojar(-se), abrigar(-se)”. Na informática, é usado para expressar “fornecer a infraestrutura necessária para que um site possa ser utilizado”. O “host computer” é o principal computador de uma rede que controla certos processos ou arquivos. Verificamos, assim, que a tradução para o português emprega “hospedar” metaforicamente a partir dos esquemas de imagem de CONTAINER e PARTE-TODO. Em inglês, o emprego de *run*, a partir do esquema DINÂMICA DE FORÇAS integra conceptualmente ao verbo correr, o *frame* de “controle de processos e movimento, funcionamento”.

- (3) *The computer actually does not run them all simultaneously. Rather, it runs a small portion of one user's job, then moves on the service the next user, perhaps providing service to each user several times per second (DEITEL, 2004, p. 5).*

O computador na verdade não roda todos eles simultaneamente. Ao invés disso, ele roda uma pequena porção da tarefa de cada usuário, e então transfere o serviço para o próximo usuário, desse modo provê serviços a todos os usuários muitas vezes por segundo.

“Fazer movimentos circulares” é o que significam os verbos *turn* e rodar. O computador e seus programas ou tarefas necessariamente não correm e nem giram para funcionar, mas esse emprego metafórico está baseado na compreensão de que *run* (correr) ou rodar (fazer girar) é fazer executar. O esquema de imagem é o de DINÂMICA DE FORÇAS, ou seja, o resultado do contato dinâmico entre partes da máquina contribui para o funcionamento do sistema.

- (4) *Software business is said to be run by this “returns law”; this is especially important to the packaged software producers who are more able to gain economies of scale and enjoy low marginal costs (TYRVÄINE, P.; JANSEN, S.; CUSUMANO, M. A., 2010, p. 78).*

É dito que esse negócio de software é administrado por essa “lei de retorno”, isto é especialmente importante para os produtores de pacotes de software que são mais capazes de ganhar economias de escala e aproveitar os baixos custos marginais.

A partir de uma projeção metafórica que indica movimento à frente, os verbos *run* e administrar estão empregados sob os esquemas de PERCURSO e DINÂMICA DE FORÇAS. Nessa construção, temos o esquema de PERCURSO com foco no caminho, mas com o esquema DINÂMICA DE FORÇAS agregado a ele. A ideia de dirigir está integrada conceptualmente a esses esquemas: os produtores de pacotes de software atuam como administradores da “lei do



retorno” que, por sua vez, comanda os negócios, fazendo-os progredir para o negociador ganhar. O traço de velocidade no *frame* do verbo *run* (correr) é integrado à ideia da competição econômica e concorre para realizar o almejado: chegar primeiro, antes. Temos também, aqui, a metáfora primária CHEGAR AO FIM É BOM (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1980) e uma projeção do espaço (percurso físico realizado na corrida) no tempo (chegar primeiro consiste em chegar antes, mais rapidamente).

- (5) *Prior to running cluster analyses, we inspected the data and found that the variables were right-skewed (TYRVÄINE, P.; JANSEN, S.; CUSUMANO, M. A., 2010, p. 5).*

Antes de executar a análise de agrupamentos, nós vistoriamos os dados e descobrimos que as variáveis foram bem apurados.

Similar ao emprego de *run* com o sentido de rodar, o emprego de executar que, na informática, quer dizer processar as instruções de um programa ou algoritmo está sob o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS. Desempenhar um movimento, que seria expresso conceptualmente pelo verbo *execute*, encontra no verbo *run* o traço de movimento integrado à ideia de funcionar, fazer acontecer.

- (6) *Most of the data come from the five working groups running in parallel and engaging approximately 70 participants, of whom most are senior executives of software firms (TYRVÄINE, P.; JANSEN, S.; CUSUMANO, M. A., 2010, p.171).*

A maioria dos dados provenientes dos cinco grupos de trabalho funciona em paralelo e envolve cerca de 70 participantes, sendo a maioria deles grandes executivos de empresas de software.

Os “dados funcionam” é um emprego comum em português. Em contrapartida, os “dados correm” é estranho ao falante nativo dessa língua. Em inglês, *function* cumpriria o propósito de expressar a ideia de “estar em atividade ou operar”. Nesse emprego, temos *run* como metáfora, agregando o *frame* de movimento ao funcionamento e à noção primária de que algo que funciona é algo que dá certo, dá bom resultado. Temos, novamente, uma associação dos esquemas DINÂMICA DE FORÇAS e PERCURSO com foco no fim. Correr até o final consiste em movimentar-se para realizar uma operação bem sucedida.

#### Enunciados de Tutoriais

- (7) *It is supported by all computers running Windows, and by all the most popular web*



browsers (except Google Chrome) (Disponível em [http://www.w3schools.com/media/media\\_soundformats.asp](http://www.w3schools.com/media/media_soundformats.asp). Acesso em 12 Mar 2011).

Há suporte para todos os computadores que utilizam Windows, e todos os navegadores mais populares (exceto Google Chrome).

O uso de uma máquina é sempre um uso por meio do qual se pretende obter um resultado. O verbo conceptual “usar” exprimiria a ideia de “lançar mão de, fazer uso de, aplicar, empregar (algo) em ou para determinado fim”. Novamente, o esquema de PERCURSO com foco no fim é utilizado aqui para designar o funcionamento do computador via sistema operacional *Windows*.

- (8) *The ASF format (Advanced Streaming Format) is specially designed to run over the Internet* (Disponível em [http://www.w3schools.com/media/media\\_windowsformats.asp](http://www.w3schools.com/media/media_windowsformats.asp). Acesso em 12 Mar 2011).

O formato ASF é especialmente designado para circular na internet.

Nessa tradução, mais uma vez, encontramos um emprego metafórico em português. “Circular” aqui não designa “mover-se ao redor de”. Entendemos “circular na internet” desta forma: informações ou ideias, quando circulam, é porque uma pessoa fala ou escreve sobre elas a outro alguém para que mais pessoas passem a saber sobre o assunto. Em inglês, *circulate* ou *move around* poderiam ser empregados para denotar esse sentido. Contudo, o verbo *run* foi empregado metaforicamente com o auxílio do esquema DINÂMICA DE FORÇAS, cuja existência está inextricavelmente ligada ao esquema de PERCURSO. O traço do percurso “estar em algum espaço em movimento” é o responsável pelo emprego de *run* com a ideia de *circular*. Afinal, “mover-se ao redor de” promove a manutenção do sentido de “estar em movimento”. Esse traço está integrado à ideia de divulgação (do formato ASF) para as pessoas que coexistem nesse mesmo lugar ou espaço, nesse caso, a internet.

- (9) *Use break to prevent the code from running into the next case automatically* (Disponível em [http://www.w3schools.com/php/php\\_switch.asp](http://www.w3schools.com/php/php_switch.asp). Acesso em 12 Mar 2011).

Use o comando *break* para impedir o código de avançar para o próximo caso automaticamente.





Novamente, “fazer mover para frente, avançar, progredir” são conceitos presentes no emprego metafórico de *run* a partir do esquema PERCURSO. Aqui, temos a projeção do espaço no tempo. O elemento do *frame* de SOURCE-PATH-GOAL em foco é o de que progredir no caminho é positivo, pois, quando se faz isso, o destino fica mais próximo. No enunciado analisado, a mudança automática de um caso para outro, que consistiria nesse avanço, deve ser impedida. Por isso, verificamos também o esquema DINÂMICA DE FORÇAS, do tipo BLOCKAGE (bloqueio), uma vez que o avanço não pode ocorrer quando se utiliza o comando *break*. Assim, a “corrida” para o caso seguinte seria interrompida (prevent the code from “running”) e não se atingiria o fim previsto em qualquer avanço ou progresso.

## 9. Considerações finais

A descrição dos dados desta pesquisa confirma o que as pesquisas atuais em linguística cognitiva enfatizam: os esquemas de imagem fornecem material conceptual para a construção de muitas expressões linguísticas (PEÑA, 2008, p. 1042) e um importante fator motivador das extensões de significado e, portanto, da existência da polissemia, é a metáfora (EVANS & GREEN, 2006, p. 39 apud LAKOFF, 1987).

Podemos também dizer que o significado dos verbos de movimento sob a luz da linguística cognitiva funciona no domínio dos esquemas de imagem, é produzido por integração conceptual e é acionado/desencadeado pelo contexto.

Devido à significativa recorrência dos verbos de movimento em projeções metafóricas nas leituras, é preciso que o professor promova uma reflexão sobre a funcionalidade atual e diária dessas projeções, assegurando a seus alunos a oportunidade de aprender a pensar por meio da “concretização” do pensamento abstrato em favor do desenvolvimento da competência da leitura. Além disso, é importante que o professor descreva aos alunos as duas redes polissêmicas diferentes em cada língua, no Português e no Inglês, durante suas tentativas de verter enunciados do inglês para o português que contenham empregos metafóricos de expressões polissêmicas. Assim, evitam-se as projeções equivocadas entre línguas diferentes e seus funcionamentos durante as aulas de leitura.

Podemos concluir que os princípios dos esquemas de imagem e da integração conceptual, aplicados ao estudo da polissemia dos verbos de movimento em seus empregos metafóricos, podem auxiliar a desenvolver a competência da leitura do aprendiz de inglês



como LE por lhe oferecer uma estratégia de aprendizagem mais motivada.

## Referências

- ABREU, Antônio Suárez. *Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Cotia, SP: Atêlie Editorial, 2010.
- BACHE, Carl. *Constraining conceptual integration theory: Levels of blending and disintegration*. Journal of Pragmatics, 37, 1615-1635, 2005.
- DAVIS, Claudia, NUNES, Marina M. R. e NUNES, Cesar A. A. *Metacognição e Sucesso Escolar: Articulando Teoria e Prática*, Cadernos de Pesquisa, v. 35 n 125, Caxambu: ANPED, 2005.
- DEITEL, H. M. *Java™ how to program*. Sixth Edition. New Jersey: Prentice Hall, 2004.
- EVANS, Vyvyan & GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*, New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2006.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*, New York: Basic Books, 2002.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. *Polysemy and Conceptual Blending*. In: Polysemy: Flexible Patterns of Meaning in Mind and Language. Edited by Brigitte Nerlich, Vimala Herman, Zazie Todd, and David Clarke. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 79-94.
- FLAVEL, J. H. *Metacognition, executive control, self-regulation, and other more mysterious mechanisms*. In: F. E. Weinert & R.H. Kluwe (eds.), Metacognition, motivation and understanding (p. 665-116) New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1979.
- GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: OXFORD, 2007. p. 377-393.
- GILMORE, W. J. *Beginning PHP and MySQL: from novice to professional*. Fourth edition. New York: Apress, 2010.
- HACKER, Douglas J; DUNLOSKY, John; GRAESSER, Arthur C. *Handbook of Metacognition in Education*. New York: Routledge, 2009.
- HAMPE, Beate. *From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics*, New York, Mouton de Gruyter.
- HTML tutorials. Disponível em <<http://www.w3schools.com/default.asp>> Acesso em 12 Mar 2011.
- JOHNSON, M. *The body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- KÖVECSSES, Z. *Metaphor: a Practical Introduction*, Oxford: Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western Thought*, New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*, Chicago: The University of Chicago Press, 1980.



NERLICH, Brigitte *et alia* (eds.), *Polysemy: Flexible Patterns of Meaning in Mind and Language*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2003.

PEÑA, M. S. *Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language*, *Journal of Pragmatics* 40, 1041–1066, 2008.

RIBEIRO, Célia. *Metacognição: Um apoio ao Processo de Aprendizagem*. Psicologia: Reflexão e Crítica, (16 (1), pp. 109-116, Viseu PT: Universidade Católica Portuguesa, 2003.

TENNY, Carol. *How motion verbs are special: The interaction of semantic and pragmatic information in aspectual verb meanings*. *Pragmatics & Cognition* Vol. 3(1), 1995. P. 31-73. John Benjamins Publishing Co.

TURNER, Mark. *The Literary mind: the origins of thought and language*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

TURNER, Mark. *Conceptual Integration*. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Orgs.). *The Oxford Handbook of cognitive Linguistics*. Oxford: OXFORD, 2007. p. 377-393.

TYRVÄINE, P.; JANSEN, S.; CUSUMANO, M. A. (eds.). *Software business: first international conference, ICSOB 2010 Jyväskylä, Finland, June 21-23 2010 proceedings*. Jyväskylä: Springer, 2010.

WEINERT F. E. & KLUEW R. H. (eds.), *Metacognition, motivation and understanding*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1979.

WINN, W. & SNYDER D. *Cognitive perspectives in psychology*. In D. H. Honassen, ed. *Handbook of research for educational communications and technology*. New York: Simon & Schuster Macmillan, 1996.